

## CINEMA E TARÔ: A RELAÇÃO ENTRE O FILME CAVALEIRO DE COPAS E A SIMBOLOGIA TAROLÓGICA

Luiz Felipe Fuck de Mira<sup>1</sup>

**RESUMO:** Este artigo, derivado de monografia homônima, estabelece uma relação entre o longa-metragem estadunidense Cavaleiro de Copas (Terrence Malick, 2015) e sete cartas de tarô que delimitam sua divisão narrativa, empreendendo um estudo sobre a jornada do protagonista através de oito capítulos filmicos e acerca dos símbolos presentes nos trunfos selecionados. A parte analítica do texto baseia-se no artigo *In critical condition* (de David Bordwell, 2008), que se apoia em Monroe Beardsley e suas quatro atividades constituintes da crítica (descrição, análise, interpretação e avaliação). O conhecimento do tarô vem de escritores e teóricos conceituados na área – Hajo Banzhaf, Sallie Nichols e Alejandro Jodorowsky –, além da supervisão da taróloga Monica Prado Berger. A relação cinema-tarô ainda é pouco explorada em textos acadêmicos, geralmente vista com preconceito devido ao teor esotérico das cartas. Sendo duas artes ópticas, as conexões entre o cinema e o tarô possuem grande valor teórico e estético. O artigo também contribui para a expansão deste campo de estudo, além da obtenção de novas descobertas acerca da utilização do tarô em mídias atuais.

**Palavras-Chave:** Cinema. Cavaleiro de Copas. Tarô. Simbologia.

## CINEMA AND TAROT: THE INTERSECTION OF FEATURE FILM KNIGHT OF CUPS AND THE TAROT SYMBOLISM

**ABSTRACT:** This article, derived from the homonym monography, establishes a connection between the American feature film Knight of Cups (Terrence Malick, 2015) and seven tarot cards – which determine the movie’s narrative division –, proposing a study on the protagonist’s journey through the film chapters and the symbols held in the cards. The analytical ground of the text is based upon the article *In critical condition*, written by David Bordwell in 2008, which relies on Monroe Beardsley’s studies on four critical activities (description, analysis, interpretation and evaluation). The tarot knowledge comes from well-known and established authors such as Hajo Banzhaf, Sallie Nichols and Alejandro Jodorowsky, besides the help and supervision of Brazilian tarot reader and specialist Monica Berger. The relationship between Cinema and tarot are still poorly explored in academic texts, often viewed with prejudice due to the esoteric content and tradition of the cards. As two optical arts, the multiple connections between them have important theoretical and aesthetic value. The article is also an expansion on this field of research, providing new discoveries on the use of tarot in current media, for example.

**Keywords:** Cinema. Knight of Cups. Tarot. Symbology.

<sup>1</sup> Bacharel em Cinema e Vídeo pela Universidade Estadual do Paraná (Unespar) – campus de Curitiba III/ Faculdade de Artes do Paraná (FAP). E-mail: luizffmira@gmail.com

## INTRODUÇÃO

*Cavaleiro de Copas* é um longa-metragem estadunidense roteirizado e dirigido por Terrence Malick em 2015. O filme acompanha Rick, roteirista de trinta anos que vive em Los Angeles nos tempos atuais e leva uma vida regada a festas, libidinagem e excessos. Ao decorrer dos eventos, ele começa a refletir e ter crises em seus relacionamentos humanos. Seguimos então a desenvoltura de suas atitudes e como elas influenciam a relação com suas parceiras amorosas, seu pai, irmão e ex-esposa, além de outras pessoas que encontra pelo caminho.

Dividido em oito capítulos que seguem a jornada do protagonista, sete deles são nomeados através de cartas do tarô. Este artigo, derivado da monografia homônima, estabelece uma conexão entre essas cartas e a divisão narrativa do longa-metragem, utilizando-se da simbologia presente nos trunfos escolhidos.

O interesse por este tema teve início com a experiência sensorial que o filme me trouxe, com seus questionamentos acerca da vida e dos relacionamentos humanos. O cinema fluido e filosófico de Terrence Malick me surpreendeu desde o contato com *A Árvore da Vida* (2011) – seu filme de retomada após seis anos afastado da direção – assim como os posteriores *Amor Pleno* (2013) e o documentário *Voyage of Time* (2016), igualmente interessantes e com características fílmicas semelhantes. O estudo da análise fílmica – baseado aqui no texto *In critical condition*, de David Bordwell – no início da graduação produziu as condições para um conhecimento analítico sobre o cinema. O baralho de tarô me despertou curiosidade tanto em si próprio, como na sua utilização no referido filme: sendo uma arte óptica – assim como o cinema – o tarô e sua simbologia compartilham estreita relação com a psicologia jungiana e a jornada do herói.

## O QUE É O TARÔ?

O tarô é um baralho composto por 78 cartas, divididas em dois grupos: 22 arcanos maiores e 56 arcanos menores, estes últimos compostos por 10 cartas de cada um dos quatro naipes (copas, espadas, ouros e paus), além das figuras da corte (Valete, Rainha,

Rei e Cavaleiro) para cada naipe. Organizadas segundo sua estrutura e numerologia, as cartas formam uma mandala (círculo sagrado, em sânscrito), símbolo que tem como fundamento a noção da totalidade e unidade.

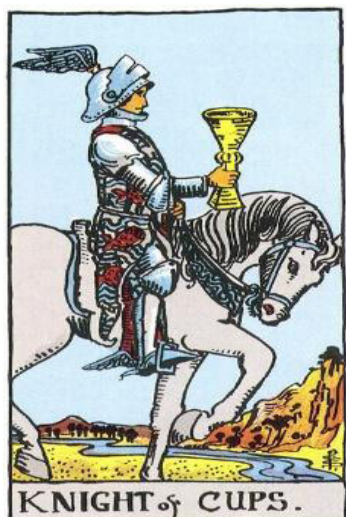
A data e local de origem exatos do baralho são indefinidos, porém muitas são as hipóteses sobre seu surgimento. De fato, os primeiros registros referentes às cartas datam da Europa ao final do século XIV e início do século XV, tendo relação com os nobres e seus jogos recreativos envolvendo os trunfos e que eram encomendados por artistas visuais da época. Neste mesmo período, o comércio dos mamelucos – escravos militares oriundos da Rússia e Turquia – com o continente europeu também é apontado como uma hipótese para a chegada do baralho à Europa, sendo que esse povo já tinha desenvolvido algumas cartas e originado os naipes que conhecemos hoje. Algumas cartas da antiguidade chinesa e indiana também compartilham similaridades com as do tarô conhecido atualmente. Entretanto, um panorama histórico não é meu objetivo aqui.

Não existe apenas um tipo de tarô. Com o passar do tempo, várias doutrinas e ocultistas criaram/adaptaram suas próprias versões a partir de interpretações pessoais e mudanças sociais e culturais mundiais. Um dos baralhos mais tradicionais e estudados até hoje é o tarô de Marselha, surgido no século XVIII na cidade homônima ao sul da França e impresso pelo gravador Nicolas Conver a partir de 1760, com as lâminas de impressão pintadas à mão. Pode-se notar que o baralho escolhido para a divisão narrativa do filme é aquele desenvolvido pela ilustradora Pamela Coleman Smith e o ocultista Edward Arthur Waite no início do século XX por vários motivos: 1) a diferente nomenclatura das cartas, já que no tarô de Marselha 'A Sacerdotisa' chama-se 'A Papisa' e 'A Morte' é 'O Arcano sem Nome'; 2) o aparecimento de algumas delas em trechos do filme; 3) a tipografia do título do longa-metragem se assemelha à do tarô de Waite. Seu conjunto de cartas foi o primeiro a utilizar ilustrações mais acessíveis e não tão abstratas nos arcanos menores.

O tarô também possui um caráter adivinhatório, principalmente nos 56 arcanos menores. A carta do Cavaleiro de Copas, por exemplo, é um arcano menor do naipe de copas, pertencente ao grupo de figuras da corte. Entretanto, a esfera divinatória do baralho não será explorada neste estudo. Já sob o simbolismo dos 22 arcanos maiores, existe o

que Carl Gustav Jung chamou de “caminho da individuação”, uma rota potencial que o ser humano pode percorrer durante a vida e atingir sua totalidade, a conscientização do indivíduo sobre si mesmo. O tarô seria, então, um veículo de evolução do ser.

Figura 01 – Cavaleiro de Copas no tarô de Waite-Smith



Fonte/Autor: Clube do Tarô, 2018.

O tarô também possui um caráter adivinhatório, principalmente nos 56 arcanos menores. A carta do Cavaleiro de Copas, por exemplo, é um arcano menor do naipe de copas, pertencente ao grupo de figuras da corte. Entretanto, a esfera divinatória do baralho não será explorada neste estudo. Já sob o simbolismo dos 22 arcanos maiores, existe o que Carl Gustav Jung chamou de “caminho da individuação”, uma rota potencial que o ser humano pode percorrer durante a vida e atingir sua totalidade, a conscientização do indivíduo sobre si mesmo. O tarô seria, então, um veículo de evolução do ser.

Em Cavaleiro de Copas, o personagem Rick enfrenta uma jornada pautada por capítulos nomeados através de sete cartas do tarô, todas elas sendo parte do grupo dos arcanos maiores. São elas, numeradas de acordo com sua disposição no baralho e ordenadas por sua aparição no filme: XVIII – A Lua; XII – O Enforcado; VIII – O Eremita; XX – Julgamento; XVI – A Torre; II – A Sacerdotisa e XIII – Morte.

Os significados das cartas do tarô são fluidos e, tal como na leitura de imagens, permitem muitas interpretações, da mesma forma como as palavras no interior das frases, que mudam de significado conforme seu lugar na oração. “Cada símbolo não tem apenas uma explicação estanque [...]. Não se trata de encontrar sua ‘definição secreta’, trata-se de lhe dar a definição mais sublime que pudermos” (JODOROWSKY, 2016, p. 132).

As cartas, além de suscitarem uma narrativa, também possuem individualmente significados e potencialidades interpretativas. “Como alegoria e símbolo, as cartas correspondem a muitos tipos de ideias e de coisas; são universais e não particulares” (WAITE, 1985, p. 29).

## ESTRUTURA

O estudo deste longa-metragem é concebido da seguinte forma: 1) uma introdução à carta que nomeia o capítulo fílmico, 2) seu significado tradicional individual e, então, 3) considerações e interpretações acerca da obra audiovisual. Cada capítulo inicia com uma frase-chave extraída do filme, que representa tanto a carta em si como o capítulo correspondente, além de sua minutagem no longa-metragem. Duas figuras também estão presentes: a carta nas versões de Marselha e de Waite-Smith. Na parte da análise, a minutagem também estará presente, fazendo referência a certas passagens e/ou diálogos.

O estudo fílmico presente em cada capítulo se baseia em escritos do teórico estadunidense David Bordwell, que em *In critical condition* relata: “Tempos atrás, o filósofo Monroe Beardsley expôs quatro atividades que constituem a crítica em qualquer forma artística, e suas distinções ainda me parecem precisas” (BORDWELL, 2008, p. 01).

São elas: descrição, análise, interpretação e avaliação. Suas nomenclaturas já denotam suas funções, como explico sucintamente: a *descrição* expõe as partes fílmicas – cenas, créditos, montagem, pode sintetizar o enredo numa sinopse – e permite ao leitor um apanhado geral da obra. A *análise* propõe um estudo sobre as partes do filme e como elas se conversam: pode-se analisar um conjunto de cenas (sequência), a evolução do figurino de uma personagem ao longo de determinado filme, a trilha sonora, a atuação do elenco, entre outros tópicos. A *interpretação* “envolve fazer afirmações sobre os significados abstratos ou gerais de um filme” (BORDWELL, 2008, p. 01), baseando-se no apanhado

geral obtido através da análise de suas partes. Por fim, temos a *avaliação*, que em seus princípios básicos pode denotar a apreciação final pela obra, o famoso “gostei” ou “este é um bom filme”. Neste artigo, essas etapas não estão necessariamente nesta ordem e a etapa avaliativa não será explorada.

## A JORNADA

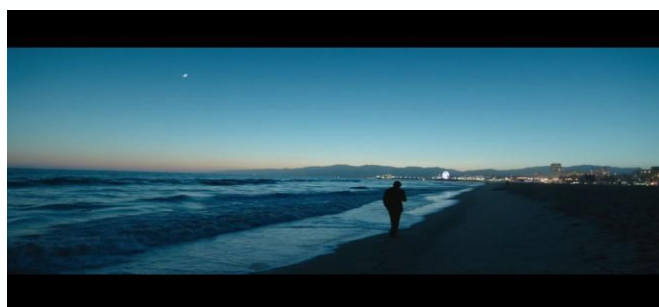
Antes dos capítulos-carta iniciarem, temos onze minutos de projeção aonde somos introduzidos ao protagonista e seu mundo. A primeira narração em voz *over* (proferida por Joseph, pai de Rick) já define que uma jornada está sendo percorrida: a referência vem da obra *O peregrino*, de John Bunyan, publicada em 1678 e tendo em sua primeira capa o trecho proferido no início do filme: “O progresso do peregrino deste mundo àquele que ainda virá: entregue sob a semelhança de um sonho, em que é descoberta a maneira em que se estabelece sua perigosa jornada e a chegada segura no país desejado”. Outra linha narrativa e alegórica é estabelecida pelo Hino da Pérola, texto de origem (prevê-se entre 200-255 d.C) e autoria indefinidos, pertencente aos Atos de Tomé. Nele é narrada a jornada de um príncipe que deixa os confortos de sua casa para buscar uma pérola numa terra distante:

Lembra da história que eu te contava quando você era garoto? Sobre um jovem príncipe. Um cavaleiro, enviado por seu pai – o Rei do Leste – que foi ao Egito procurar uma pérola. Uma pérola das profundezas do oceano. Mas quando o príncipe chegou, o povo serviu-lhe um copo que tirou sua memória. Ele esqueceu que era filho do Rei, esqueceu da pérola e caiu em um sono profundo. O Rei não esqueceu de seu filho: ele continuou a enviar palavras, mensageiros, guias. Mas o príncipe continuou dormindo (CAVALEIRO, 2015, 00:03:05).

Rick representa o Cavaleiro de Copas (ou taças). O elemento que rege o naipe de copas é a água, recorrente durante o filme. Sua fluidez e não-linearidade se conectam a outros elementos fílmicos. “Fragmentos, pedaços de um homem” (00:11:08), diz o pai de Rick. É isso o que vemos em toda a duração de *Cavaleiro de Copas*: na montagem, som, narrativa e, certamente, na vida do protagonista. “Não é [o universo do tarô] um mundo sequencial, linear, de causa e efeito, um mundo de passado, presente e futuro” (CAMARGO, 1992, p. 15).

Na carta, vemos um bonito jovem de armadura que leva a taça vazia à sua frente, trotando para o lado direito em seu cavalo manso. O deserto sugere que sua viagem é solitária, mas talvez haja esperança de encontrar algum rio ou civilização por perto. A ideia de movimentação inerente à carta também se reflete nas atitudes do cavaleiro, sempre dinâmicas e envolvendo a ação impetuosa. Representando os sentimentos e a receptividade, não é à toa que, em inglês, o naipe de copas é denominado *hearts* (corações, em tradução literal). No âmbito de relacionamentos amorosos, Rick pode ser considerado superficial, irresponsável e seu dinamismo também se atribui a esta esfera de sua vida. Seu carro conversível pode ser considerado uma versão moderna do cavalo visto na carta: a maioria das mulheres com as quais ele se relaciona passeiam em seu automóvel e muitos de seus monólogos e trajetos se dão através do carro. A velocidade com que Rick dirige e (novamente) sua movimentação denotam liberdade e juventude.

Figura 02 – Água e movimento: dois motivos do longa-metragem

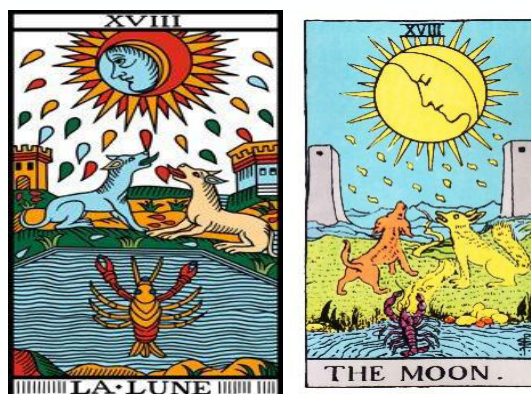


Fonte/Autor: Cavaleiro de Copas (Terrence Malick, 2015)

## A LUA

“Você não quer amor. Você quer uma experiência amorosa” (00:16:50).

Figura 03 – A Lua



Fonte/Autor: Clube do Tarô, 2018.

A décima oitava carta dos arcanos maiores é A Lua. Símbolo do feminino, representa o inconsciente em leituras e interpretações tradicionais, além da receptividade e a intuição. Figura feminina que nos convida a percorrer as angústias e medos recalcados. Nos desenhos, vemos três animais: uma lagosta e dois cachorros (ou um cachorro e um lobo). Existem também duas torres no horizonte e um pequeno lago de onde sai o crustáceo. Podemos também perceber a Lua encobrindo o Sol. Existem gotas coloridas (na versão de Marselha) que, ao invés de caírem do céu, estão indo em sentido oposto: a Lua suga as energias e a cor azul é tomada pela representação da receptividade. Pelo seu tamanho reduzido, pode-se deduzir que se trata de uma lua minguante ou crescente.

Rick encontra a personagem Della em uma espécie de salão estético. Os dois caminham, conversam, passeiam pela cidade, transam em quartos de hotel. Este capítulo dá início à jornada de inconstância emocional de Rick, como uma viagem ao inconsciente e seus devaneios. A personagem Della suga a energia do protagonista, mesmo não sendo essa sua intenção. “Não volte a ficar morto” (00:17:51) ela diz, temendo que Rick retorne a seu estado inanimado após sua partida.

A Lua possui fases e controla as marés, guiando Rick através de seus desejos e seu eu não-consciente. Sua volatilidade e inconstância também confundem o protagonista. Eles visitam um aquário, aonde Rick fica fascinado e observa os animais marítimos por um longo tempo. A já citada lagosta que sai da água na carta, por exemplo, além de viver no oceano, também representa o signo astrológico de Câncer, que tem como astro regente a própria Lua.



Della desaparece após o fim de seu capítulo, não reaparecendo durante o resto da projeção. A frase escolhida para iniciar este capítulo refere-se ao desejo implícito à Lua e por sua inconstância: Della não pode oferecer amor, nem algum sentimento eterno, algo que talvez Rick inconscientemente deseje. O que ele realmente busca é a si mesmo, não o amor de outra pessoa. O impacto e identificação com tal frase foram significativas para mim: como parte de uma geração que cresceu com a popularização e idolatria audiovisual a amores românticos e passionais em diversas plataformas, a questão amorosa perpassa minha vida, mas seu real significado ainda é desconhecido para mim. “O que você quer?” (00:18:04), Della pergunta para Rick em determinado trecho. Tomei a pergunta para mim mesmo. O que eu quero? Amor ou uma experiência amorosa? Porque essas são duas coisas completamente diferentes. Em sua interpretação acerca da carta do Cavaleiro de Copas, o canal do *Youtube* intitulado *Contemporary Tarot* diz que este personagem “é alguém que ama a ideia do amor”. O idealismo sobre a essência do amor e suas verdadeiras facetas diferem de maneiras diversas.

Nos minutos finais do capítulo, Rick entra em uma loja esotérica, aonde encontra uma cartomante e decide torna-se consulente em uma leitura de tarô. A curiosidade em obter pelo menos um mínimo de organização dentro da espiral existencial na qual se encontra talvez seja consumada através dessa tiragem das cartas. A partir deste viés esotérico, ele porventura possa estruturar sua vida e, conseqüentemente, os capítulos do filme. Logo vemos algumas cartas sobre a mesa: algumas delas nomeiam os capítulos seguintes (como A Torre e O Enforcado) e outras não (O Imperador, O Louco, A Roda da Fortuna). A cartomante aponta, inclusive, para o trunfo que nomeia o filme.

**Figura 04 – Tiragem de cartas pela cartomante**

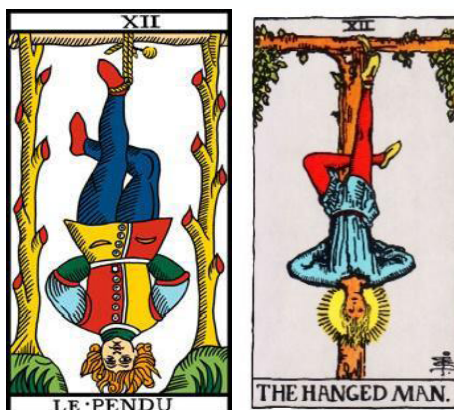


Fonte/Autor: Cavaleiro de Copas (Terrence Malick, 2015)

## O ENFORCADO

“Te virei de cabeça para baixo, meu filho” (00:30:01).

Figura 05 – O Enforcado



Fonte/Autor: Clube do Tarô, 2018.

A frase que inicia este capítulo na verdade finaliza o capítulo fílmico correspondente, fazendo uma referência literal à carta – na qual um homem está pendurado de cabeça para baixo – e refletindo os conflitos que a figura paterna (que profere a frase) causou na vida do protagonista.

Duas palavras-chave para O Enforcado são crise e passividade. Na carta, o indivíduo se encontra preso pelos pés, mas não parece preocupado em livrar-se da situação. “Na Idade Média esse [enforcamento] era o castigo dado aos traidores. Traição à própria causa, da traição a nós mesmos. Armadilha em que caímos quando estamos no caminho errado” (BANZHAF, 1997, p. 98). A posição de seus braços (triângulo) e pés (quadrilátero) podem significar uma inversão do mundo material com o espiritual. Na numerologia, o quatro (4) é associado ao terreno e o três (3) ao divino, dentre outras interpretações.

Neste segundo capítulo, Rick encontra seu irmão Barry e seu pai Joseph. É possível notar que os dois não pertencem à sua vida cotidiana devido a seu silêncio durante o desenrolar do capítulo, demonstrando impaciência e desconforto na presença da família. Descobre-se que ele teve um irmão mais novo chamado Billy, que aparentemente cometeu suicídio. “Billy, eu morri, mas de um jeito diferente” (00:28:50), comenta o protagonista em

determinado momento. “[o Enforcado] representa naturalmente todas as crises que nos atingem, que se transformam em verdadeiras provas de paciência, e que visam obrigar-nos a uma tomada de posição ou a uma mudança de direção” (BANZHAF, 1997, p. 100).

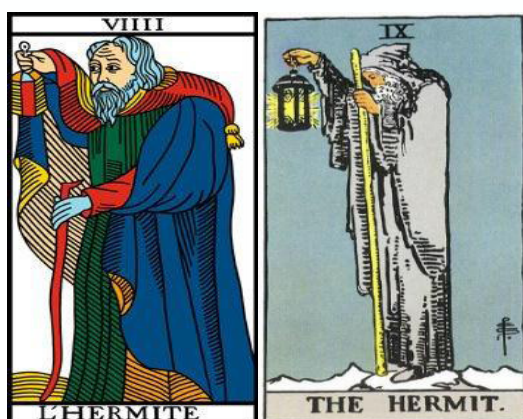
Ainda segundo Banzhaf (1997, p. 100), não é possível responder a novas perguntas com as velhas respostas nem viver a tarde como viveu-se a manhã. A constante mudança impele O Enforcado a movimentar-se na busca de seu objetivo. É necessário inverter o pensamento e cultivar a paciência, descobrindo “que a jornada para a auto compreensão não se processa de modo ordenado indo de A para B e depois para C. O seu ritmo é quixotesco<sup>2</sup>” (NICHOLS, 1988, p. 222).

## O EREMITA

“Ninguém está em casa” (00:36:09).

O Eremita é a nona carta dos arcanos maiores e entre suas palavras-chave encontram-se isolamento e solidão. Segundo o dicionário Priberam, eremita é definido como uma “pessoa que vive no ermo, com intuits contemplativos” “pessoa que vive no ermo, com intuits contemplativos ou religiosos”.

Figura 06 – O Eremita



Fonte/Autor: Clube do Tarô, 2018.

<sup>2</sup> Relativo ao personagem Dom Quixote. Por extensão, adjetivo que denota algo/alguém sonhador e/ou impulsivo, desligado da realidade.

Na ilustração, vemos um senhor de capa, carregando um cajado e um lampião. A lamparina empunhada por ele pode representar a luz do autoconhecimento que o guia através da vida. A posição da carta – de numeração nove (9) – também tem seu significado, sendo o último número entre os dígitos simples e representando – entre várias leituras – o período de gestação humana (nove meses).

A grande crise de sentido enfrentada por Rick no capítulo anterior continua. Ele perambula sozinho por uma festa, quieto. Os convidados dançam, conversam banalidades, ostentam sua riqueza e corpos esbeltos. O dono do local – Tonio – anda entre as pessoas e conversa com todas. Sua casa parece se localizar no deserto, onde não se vê nenhuma outra construção por perto. Em certo momento, junto ao isolamento da casa, vemos um céu crepuscular e a Lua (00:38:51).

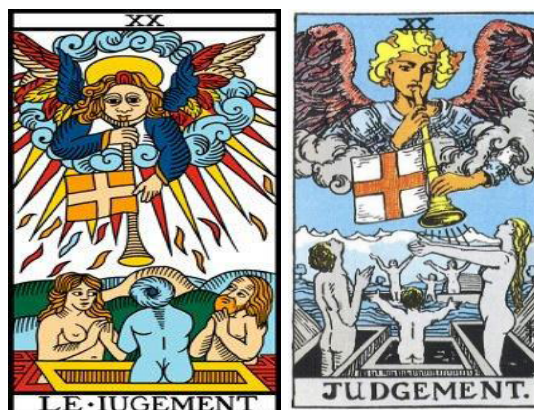
Mesmo cheia de convidados, “ninguém está em casa”. E na mansão interior de Rick, nenhuma pessoa está presente. O isolamento caracteriza esta carta e também acompanha o protagonista em todo o seu percurso, aonde desfruta de diversos momentos sozinho: na praia, na piscina, em sua casa, nos sets de filmagem, nas ruas. O local da festa torna-se nocivo pelo comportamento generalizado de diversão, já que em nenhum momento vemos alguma pessoa infeliz ou triste, apenas ele. Vazio, Rick ainda procura por significado. Em certo momento durante a festa, ele tem uma pílula na mão e fica em dúvida sobre tomá-la ou não. Torna-se difícil definir quando sua diversão é genuína e quando é fingida. Um dos únicos momentos autênticos de entretenimento é notado quando conhece e conversa brevemente com Helen, uma mulher que parece estar tão perdida quanto ele e afirma não conhecer ninguém ali. A conversa logo se dissolve em outras distrações e os dois se separam.

Sua solidão também pode ser interpretada por outro viés. “[...] aquele que atingiu um grau qualquer de auto compreensão é um ‘solitário’ em relação ao curso geral da espécie humana, e está destinado a permanecer assim até que outros – cada qual a seu tempo e à sua maneira – atinjam uma fase semelhante de iluminação” (NICHOLS, 1988, p. 176).

## JULGAMENTO

“Você mudou. O mundo te absorveu, mais e mais” (00:39:33).

Figura 07 – Julgamento



Fonte/Autor: Clube do Tarô, 2018.

A viséxima segunda carta dos arcanos maiores é a penúltima da série, sendo seguida pela carta derradeira, O Mundo. O trunfo retrata um anjo tocando uma trombeta no céu; na terra, seres humanos parecem absortos com o mensageiro divino. À primeira vista, a carta evoca a ideia de ressurreição, já que o corpo azul jovem central (no tarô de Marselha) e todos os indivíduos (na versão de Waite) que saem de seus túmulos parecem estar “voltando à vida”. Esta pode ser uma metáfora para o renascimento espiritual: a ideia de anunciação aliada ao anjo com trombeta chama o sujeito a uma nova vida. Dentre outras interpretações, a presença de três figuras humanas principais nas duas versões pode sugerir relações familiares.

Neste capítulo temos contato com Nancy, ex-exposa de Rick. Os dois conversam basicamente sobre as frustrações e medos vividos enquanto estavam juntos. Aqui, o sentido literal da palavra julgamento pode ser visto em algumas frases proferidas por Nancy, como “Você sempre quis fugir. Eu queria um companheiro” (00:40:03) e “Eu não quero te acusar, mas você se tornou aborrecido perto de mim. Quase cruel” (00:41:16).

Os dois passeiam pelo mar, se abraçam, se beijam. Uma menina brinca no chafariz de um hotel à beira-mar. Outros planos submersos – filmados com uma câmera portátil operada pelos atores – reiteram a importância da água, além da presença simultânea de montanhas, o Sol, estradas, árvores e nuvens. Elementos e paisagens naturais são comuns

durante o longa-metragem e também na filmografia de Terrence Malick. A reaproximação espiritual de Rick também se dá através do contato com a natureza: ao longo do filme, ele se encontra em vários locais naturais, o principal deles sendo o deserto.

Por ser a penúltima carta dos arcanos maiores, a frase que inicia o capítulo evidencia na voz de Nancy a jornada de Rick. Muito aconteceu desde que os dois se separaram e ele está renascendo, mas ainda não completamente pronto nem maduro. Mesmo sabendo que cometeu erros e foi irresponsável/inseguro durante seu relacionamento com Nancy quando jovem, Rick ainda segue confuso em sua peregrinação. “O mundo te absorveu” é uma afirmação muito forte em uma conversa, soando como um eufemismo para “você se deixou levar por circunstâncias que fugiam de seu controle e, por isso, perdeu o rumo e deixou as situações lhe sugarem”.

## A TORRE

“Sonhos são bons, mas você não pode viver neles” (00:58:37).

Figura 08 – A Torre



Fonte/Autor: Clube do Tarô, 2018.

A décima sexta carta dos arcanos maiores já recebeu a tradução de “A Casa de Deus”, devido a seu nome em francês (*La Maison Dieu*). Resolveu-se, entretanto, nomeá-la A Torre. Este trunfo pode representar “abertura, emergência daquilo que estava confinado” (JODOROWSKY, 2016, p. 239). Na ilustração, há duas pessoas “caindo” de uma torre que parece estar desabando devido a uma intervenção cósmica – um raio na versão de Waite e “fogo” e pequenas bolas coloridas no tarô de Marselha.

Os minutos iniciais deste capítulo abordam principalmente o lado material da vida de Rick: sua riqueza e seu emprego. Ele conversa com um empresário no salão de entrada de um prédio suntuoso e comercial, que o promete uma vida de opulência. “Quero te deixar rico”, comenta o homem (00:50:16). O materialismo pode caracterizar outro dos desvios da luz enfrentados por Rick: torres cercam-o no início do capítulo, impedindo que o Sol (seu objetivo) brilhe, o que já ocorreu anteriormente na carta d’A Lua. Inclusive, a carta do Sol aparece submersa em um plano extremamente simbólico denotando o quão imerso Rick se encontra em sua crise existencial e emocional. Reiterando essa ideia, seu pai profere: “Lembre-se. A pérola. Encontre seu caminho da escuridão para a luz” (01:03:25).

Rick estreita relações com Helen, a mulher que conheceu na festa d’O Eremita. Ele observa um ensaio fotográfico no qual ela participa até o anoitecer. Helen pode ser considerada uma peregrina na mesma jornada de Rick, seu complementar feminino. Enquanto medita em um santuário, podemos notar seu respeito à algo superior e também ao seu próprio corpo. “Todas as ‘casas de Deus’ (templos, igrejas, mosteiros) oferecem tradicionalmente um refúgio seguro para os doentes do corpo ou da alma” (NICHOLS, 1988, p. 280). Diferente das mulheres anteriores, não vemos os dois tendo relações sexuais: Helen parece um aviso, uma mensageira para Rick continuar em seu processo de despertar. A Torre pode representar a nós mesmos, nossa estrutura como ser humano. “[...] esta torre é o nosso corpo, e que nosso corpo contém a divindade” (JODOROWSKY, 2016, p. 240). De certa maneira, todos os personagens estão em sua própria jornada ao mesmo tempo que auxiliam Rick em sua caminhada. “Cada homem, cada mulher, um guia”, narra Joseph (01:02:19).

Citando Jung, Banzhaf (1997, p. 152) diz que, quando as ideias e falsas imagens que tínhamos da realidade caem, experimenta-se “um pequeno fim do mundo em que tudo volta ao caos original”. A frase que inicia o capítulo faz referência justamente a isso, já que Rick não pode viver em suas fantasias e precisa da destruição da Torre para “acordar”. Ela é proferida por Helen em forma de questionamento ao protagonista: “O que você quer de mim? Que lance um feitiço sobre você? Que realize seu sonho? Sonhos são bons, mas você não pode viver neles” (00:58:37).

“Você vive em exílio. Um estranho numa terra estranha. Um peregrino, um cavaleiro” (01:02:43), comenta Joseph. Esta poderia ser outra alternativa para a frase de abertura e que sumariza toda a jornada do protagonista. “A verdadeira imaginação se alimenta da ação e não da fantasia. [...] se não fizermos nada com nossos sonhos, eles continuam vagos e sem relação com o resto de nossas vidas” (POLLACK, 1988, p. 56). A Torre compartilha o aspecto fantasioso da vida de Rick com suas aventuras com A Sacerdotisa, reiterado por uma das últimas frases proferidas antes da próxima etapa: “Ninguém se importa mais com a realidade” (01:07:55).

## A SACERDOTISA

“Você vive em um mundo de fantasia, não vive?” (01:09:35).

Figura 09 – A Sacerdotisa



Fonte/Autor: Clube do Tarô, 2018.

Algumas das palavras-chave que ajudam a compreender a segunda carta dos arcanos maiores, A Sacerdotisa ou A Papisa – primeira mulher retratada como figura principal no tarô –, seriam paciência e sabedoria. Na carta, ela está sentada com vestes pesadas e um livro no colo. A cortina atrás de si cobre o que parece ser seu templo, ou um segredo.



“Em seus aspectos espiritualizados surge como a Virgem Maria e como Sofia, a Sabedoria Divina” (NICHOLS, 1988, p. 84). Paciente, ela espera, podendo representar também a gestação (assim como O Eremita) e a transformação do espírito em carne. Tais significados fazem uma ligação com o próximo capítulo, aonde Rick se envolve com uma mulher casada e ela engravida.

A personagem retratada neste capítulo é Karen, dançarina numa boate que se diverte com os clientes e pessoas que conhece. Ao contrário das roupas pesadas usadas pela figura nas cartas, aqui a Sacerdotisa veste roupas leves e, ao trabalhar, apenas roupa íntima.

Uma narração em voz *over* discursiva sobre o Castelo da Dúvida, referenciado no já citado livro *O peregrino*. Na história alegórica, o protagonista Cristão e seu companheiro Esperançoso são capturados pelo gigante Desespero e trancafiados no calabouço de tal castelo. Deprimido e culpado, Cristão acaba recebendo influência positiva de Esperançoso e descobre a saída, como proferido no monólogo citado durante o filme:

Quão tolo eu sou? Deitar numa masmorra fedorenta, quando eu posso também andar em liberdade. Eu tenho uma chave no meu peito chamada Promessa. E estou persuadido a abrir qualquer fechadura no Castelo da Dúvida. Embora neste estado escuro e sombrio, Ele transformou a sombra de morte na manhã (01:17:24).

Tal jornada de fé caracteriza o dilema de Rick: sabendo que a solução para sua crise está em si mesmo (autoconhecimento), ele continua a perambular na escuridão da masmorra ao invés de caminhar em liberdade. “O único jeito de sair é entrando” (01:12:48), comenta Karen em determinado momento. Ele precisa desenvolver a sabedoria para escolher se continua seguindo para o constante despertar ou voltar a dormir. “Então eu adormeço de novo” (01:13:32), reflete Rick.

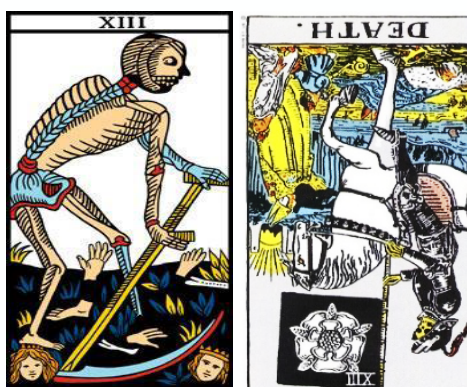
A frase que abre o capítulo se relaciona com a frase d’A Torre. A sequência final do capítulo reitera as sentenças proferidas por Karen sobre o mundo onírico aonde Rick parece estar vivendo: ele novamente se encontra em uma festa com luzes coloridas, observando pessoas caricatas usando fantasias, performances mirabolantes, papel picado e brilhante caindo do teto. Neste mundo fantasioso, ele pode “ser um santo, Deus, um idiota” (01:09:55), como diz Karen quando os dois se encontram pela primeira vez. Assim

como no capítulo d'O Eremita, ele percorre a festa e parece se dar conta de não pertencer àquele lugar, além de ter outra pílula na mão – como um paralelo à festa na casa de Tonio. Chegando neste ponto, Rick continua atordoado. De qualquer maneira, ele não deixa de tentar e continuar sua busca.

## MORTE

“Tem tanto amor dentro da gente. Que nunca sai” (01:36:27).

Figura 10 – Morte



Fonte/Autor: Clube do Tarô, 2018.

A Morte (ou o Arcano sem Nome) é a décima terceira carta na sequência dos arcanos maiores. No tarô de Waite-Smith, possui grande semelhança com o próprio Cavaleiro de Copas, com uma figura esquelética empunhando uma bandeira enquanto cavalga por entre corpos e um terreno assolado por destruição, porém este é um cavaleiro negro. Já na versão de Marselha, vemos um esqueleto ceifando a terra, aonde encontram-se cabeças, mãos, ossos e um pé, o solo é escuro e contém plantas azuis e amarelas. Esta é a única carta no tarô de Marselha que não possui nome e compartilha um paralelismo com o trunfo d'O Louco, o único sem numeração.

Semelhante à interpretação d'O Julgamento, as palavras-chave que tradicionalmente caracterizam esta carta são transformação, renovação e desmembramento. Simbolicamente, a morte pode significar a passagem de algo a um estágio maior e mais evoluído. A estranheza causada por este trunfo também é intrínseca à sua numeração (13), culturalmente associada ao azar.

Este último capítulo-carta é o mais longo do filme, sendo seguido pelo capítulo derradeiro, Liberdade. Aqui, Rick envolve-se com Elizabeth, uma mulher casada. Ela acaba engravidando e fica em dúvida sobre a paternidade da criança. Também voltamos à relação pai-filho-irmão que perpassa Rick n'O Enforcado e também n'A Torre. Durante seus momentos com Elizabeth, Rick reflete: “Então é isso o que somos. Um fogo” (01:27:35). Posteriormente, quando ela afirma estar grávida e o relacionamento deles definha, Elizabeth se pergunta “O que nós somos agora?” (01:33:49). Este outro caso conturbado reitera a irresponsabilidade de Rick com a maioria de seus relacionamentos: sua crueldade com Nancy, seu aborrecimento com o pai e irmão, seu desejo passageiro com suas parceiras sexuais e a superficialidade e efemeridade nos contatos profissionais.

Já sugerido durante o capítulo d'O Julgamento, o essencial a ser reconhecido por Rick é o amor. O cultivo e, principalmente, a manutenção de bons relacionamentos com as pessoas em sua vida. Através do amor pelos outros ele poderá encontrar a pérola que tanto procura, que sempre esteve dentro dele. A mudança pretendida pelo tarô acontece dentro do indivíduo, não é a busca por algo externo e/ou material.

Como um momento de respiro após tantos acontecimentos, vemos Rick novamente no deserto (01:35:30). Ele chora, e ouve-se apenas o som ambiente do local, sem festas, música alta, desconhecidos, luzes coloridas, velocidade. Sozinho em silêncio. “Como eu começo?” (01:41:10), ele se pergunta novamente, criando um paralelo com o início do filme. Surge também o questionamento: estaria ele realmente no deserto ou esta é a representação de seu estado de espírito? Acredito que as duas coisas: fisicamente, este seria um dos únicos lugares no qual ele poderia estar completamente sozinho. Simbolicamente, o deserto pode simbolizar seu desligamento – tanto com o mundo exterior quanto com sua espiritualidade e vida interior.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Todos aquele anos, vivendo a vida de alguém que eu não conhecia”. Esta é a primeira frase proferida por Rick no longa-metragem (00:02:25). Após analisar sua jornada e retornar a esta proposição inicial, pode-se deduzir que o protagonista foi transformado de alguma maneira. O capítulo derradeiro de Cavaleiro de Copas chama-se Liberdade.

Em uma possível leitura “definitiva” ou “conclusiva”, Rick parece ter se envolvido com uma mulher – que não sabemos o nome – e teve um filho. Não é definido se ele se estabeleceu ou escolheu determinado estilo de vida. O último plano retrata uma estrada, possivelmente representando a continuidade de sua peregrinação.

Em minhas pesquisas, encontrei poucos escritos relativos a associações entre o cinema e o tarô: ambos lidando com narrativas visuais, creio que este trabalho possa ser outra referência a qualquer pessoa interessada em aprofundar o conhecimento nessas áreas. Outra descoberta interessante foi a presença do tarô em outras mídias: suas imagens e símbolos têm grande apelo ao público. Com a Internet e o consequente rápido compartilhamento de informações, o tarô continua sendo atualizado e utilizado em diferentes contextos e releituras. Grande parte do conceito visual e narrativo do álbum *hopeless fountain kingdom*, da cantora estadunidense Halsey, é composto por recriações de trunfos. O artista curitibano Gustavo Paim também se utiliza do tarô em seu trabalho “Sombras”, especificamente da carta do Enforcado; a cantora estadunidense Wolfie faz uma releitura do Cinco de Copas na capa de seu single *Contradiction*; e na capa da Revista Veja (28/03/2018, ano 51, nº 13) vemos uma releitura da carta d’A Torre, referenciando o escândalo enfrentado pelo Facebook e seu vazamento de informações no início de 2018.

Importante lembrar que antes de um conceito pré-estabelecido, o tarô é imagem, traz uma sensação consigo na admiração de suas cartas, uma curiosidade. Como já afirmado, esse é o principal motivo pelo qual escrevi e me propus tal pesquisa, além de ser um dos temas do próprio filme: um questionamento.

Portanto, aqui finaliza-se este artigo, que acredito ter cumprido seu papel em comparar determinadas cartas do tarô com a narrativa cinematográfica do longa-metragem Cavaleiro de Copas, além de servir como jornada pessoal ao autor e possibilitar outras descobertas, como as citadas acima.

## REFERÊNCIAS

BANZHAF, Hajo. **O tarô e a viagem do herói**. São Paulo: Editora Pensamento, 1997.

BORDWELL, David. **In critical condition**. Disponível em: <[www.davidbordwell.net/blog/2008/05/14/in-critical-condition](http://www.davidbordwell.net/blog/2008/05/14/in-critical-condition)>. Acesso em: 9 mai. 2018.

BOTELHO BYINGTON, Carlos Amadeu. Transcendência e totalidade. **Revista Viver Coleção Memória da Psicanálise – Jung**. nº 02, p. 07-08 – Sem ano.

CAVALEIRO de Copas. Produção de Nicolas Gonda, Sarah Green e Ken Kao. Los Angeles/ EUA: Film Nation/Waypoint Entertainment, 2015. 1 arquivo digital (01h58min14s).

**CLUBE DO TARÔ**. Disponível em: <[www.clubedotaro.com.br](http://www.clubedotaro.com.br)>. Acesso em: 05 jan. 2018.

COSTA, Marianne; JODOROWSKY, Alejandro. **O Caminho do Tarot**. São Paulo: Editora Campos (Selo Chave), 2016.

NICHOLS, Sallie. **Jung e o tarô**: uma jornada arquetípica. 1ª ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1988.

POLLACK, Rachel. **Setenta e oito graus de sabedoria**: um livro de tarô. 2ª v. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.

WAITE, Arthur Edward. **Tarô – a sorte pelas cartas**. Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint S.A., 1985.

Recebido em: 17/07/2019

Aceito em: 07/12/2019